Notas sobre as pescas Nordestinas

Rui Simões de Menezes (*)

1. Pero Lopes de Sousa, em 1531, ao largo do litoral sul brasileiro, no dia 11 de outubro, assinala: - "matamos esta noite muitos pescados". Ulteriormente, a 21 de dezembro, os indígenas, em troca de "muita mercadoria", deram aos portugueses "muito pescado". Em julho de 1532, ao largo do litoral sul do atual Estado da Bahia, registra o famoso navegador lusitano que "eram tantas as baleas nesta paragem e tamanhas e chegavam se tanto as naos que lhes auiamos mui grande medo".

2. A Editora Parma Ltda. (Rua da Várzea, 394, São Paulo - Capital), publicou, em 1979, os *CADERNOS DE HISTÓRIA*, vol. 1., em que o historiador O. P. Leite Cordeiro, em setembro de 1964, comenta a personalidade de Pero Lopes de Sousa a afirma: "a Nação de Amanhã não esquecerá Pero Lopes de Sousa. Formem eles seus espíritos à sombra das ações valorosas e efetivas dos que nos antecederam no tempo e, atualmente são reunidos pelo Panteon da Pátria. Parabéns a Brasil Bandecchi, orientador e selecionador das obras merecedoras de novas edições e a cujo espírito público muito já devem as nossas letras históricas".

3. Em 1957, R. S. de Menezes apresentava, em Londres, na Conferência Internacional de Pesca da Baleia (*International Whaling Comission* - IWC), a nota *Whaling in Brazil.* O Sr. Governador da Bahia, Dr. Antônio Balbino de Carvalho Filho, e o Dr. Rômulo Almeida apoiaram nossos esforços no sentido de implantar, em Caravelas, uma grande empresa de pesca. Tal empresa, no nosso enfoque, exploraria, cientificamente, os estoques baleeiros

(*) Sócio honorário do Instituto do Ceará. Ictiologista.

e de outros recursos - peixes, crustáceos etc. Vale assinalar que, em 1603, exatamente em Caravelas, com o apoio de Pedro de Grecha e sua equipe de pescadores biscaínhos, tivera início a exploração dos nossos cetáceos. Deve-se à Professora Myriam Ellis (Univ. São Paulo) magníficas monografias sobre a importância da exploração da pesca da baleia para o nosso País, durante os séculos 16 e 17.

4. R. C. Simonsen, na sua preciosa *História Econômica do Brasil* (1.ª edição, 1937, vol. 1, p.128 Cia. Edit. Nac., São Paulo), aborda o regime financeiro e fiscal, para a exploração das Capitanias. Aos donatários das Capitanias assegurava-se, entre outras benesses, cinco por cento do valor do pau-brasil e do pescado. Este autor, focando o grande número de bandeiras na devassa dos sertões, informa que os bandeirantes, uma vez esgotados os mantimentos, passavam a se alimentar da caça e da pesca (*loc. cit.*, p.359). Em 1777, consoante Simonsen, exportou o Brasil 870 mil réis de azeite de peixe e 25 contos 870 mil 640 réis de barba de baleia (*loc. cit.*, vol. 2, pp.194-5). É ainda Simonsen (*loc. cit.*, vol.2, p. 342) quem menciona alvará português de 10 de dezembro de 1814, isentando as canoas pequenas de pesca, no Brasil, da contribuição do alvará de 20 de outubro de 1812. Dentre as pescas do Brasil Colônia, a mais importante foi a da baleia; Simonsen (loc. cit., vol. 2, pp.210-13) analisa essa atividade importante, "dado o grande valor do seu azeite para a iluminação, alimentação e uso industrial e o aproveitamento das barbatanas". Cita este autor Demeunier, o qual, em 1748, estimava uma produção anual de 3 mil 530 pipas de óleo e o preço é de 175 libras a pipa, rendendo 617 mil 650 libras (£ 22 mil); 2 mil quintas de barbatanas a 150 libras o quintal, 313 mil 500 libras (£ 11 mil); os dois produtos juntos dão 931 mil 950 libras. Os arrendatários pagavam 300 mil libras ao governo (£ 10 mil 500), e sendo suas despesas não excedentes de 268 mil 750 libras, os lucros alcançavam 362 mil 500 libras (£ 14 mil).

5. Caio Prado Júnior, na sua *História Econômica do Brasil* (1976, p.104), informa: "após seus dias de grandeza, a pesca da baleia, em 1801, não mais encontrava pretendentes à captura des-

te mamífero marinho. A Coroa Portuguesa abandona o monopólio, liberando a pesca. Esta atividade passou a declinar, desaparecendo lá pelo terceiro decênio do século 19. A área de captura das baleias ia de Santa Catarina até à Bahia.

6. Otto Schubart, em 1944 na monografia *A Pesca nos Estados de Pernambuco e Alagoas* (edição do Serv. Informação Agrícola, Min. Agric., Rio de Janeiro, DF), nos diz o seguinte: "Havendo um centro de pesca de baleia em Cabedelo no Estado da Paraíba e um outro tradicional na Baía de Todos os Santos, que hoje está quase completamente extinto, como a indústria outrora tão florescente, procurei na literatura antiga dados sobre qualquer pesca de baleia em Pernambuco ou Alagoas - mas sem resultados, prova de que nunca houve uma tal pescaria. Na Bahia, pescavam com barcos leves e menores, com uma tripulação de onze pessoas, fora da costa. Na Paraíba, em 1944, existe uma empresa moderna, com barcos próprios para caçar, e instalações terrestres adaptadas, para aproveitamento da caça. O resultado anual é de cerca de cem baleias, atingindo em 1927 até 108 baleias, entre estas algumas alcançando 25 metros. O óleo preparado é exportado para o Rio e São Paulo. Frederico Vilar (1911), que fala detalhadamente sobre a pesca na Bahia, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro, não menciona a pesca de baleia em Cabedelo, prova de que essas instalações foram, nesse tempo, sem importância, ou ainda não existiam".

7. Escreve Fernand Brawdel (*The Structures of Everyday Life. The Limits of the Possible. Civilization & Capitalism. 15th-18th Century.* Volume 1. Edit. Harper & Row, cit., p.220): "Cod was indeed chiefly eaten during Lent, when it was unavoidable, or by poor people. 'It is a food left to labourers', say one sixteenth-century author. The same had once applied to whale meat and fat, which were very much coarser (except for the tongue, which was delicious according to Ambroise Paré) but were nevertheless eaten by poor people during Lent, until the time when the fat was converted into oil and widely used for lighting, soap and various manufactured products. Whale meat then disappeared from the market. It was no longer eaten except 'by Kaffirs near the Cape of Good Hope, a semi-savage people', said a treatise of 1619, which none the less mentioned the use in Italy of fat from salted whales,

known as "Lenten lard". In any case, industrial requirements were sufficient to maintain an increasily active whale-hunt: for example the Dutch sent 6995 ships to the Spitsbergen area between 1675 and 1721 and harpooned 32.908 whales, depopulating the adjacent seas. Buats from Hamburg looking for whale oil regularly traversed the seas of Greenland".

8. Recentemente, através do jornal "*O POVO*" (Fortaleza), R. S. de Menezes, comentava o papel desempenhado pelo bacalhau, no respeitante à alimentação de milhares de "retirantes" ou "flagelados", "quando da ocorrência da Grande Seca de 1877-1880". Os dados apresentados foram extraídos da obra clássica de Rodolpho Theophilo, *História da Seca do Ceará (1877-1880)* (Rio, Imprensa Ingleza, 1922, pp.1-436 mais 4 pp. de índice). Após a transcrição dos dados atinentes ao desembarque de "bacalhau e outros peixes", informamos: nos dias correntes, *vendia a Dinamarca o bacalhau à razão de setenta e cinco cents de US$ dólar... Enquanto isto sucede, o bacalhau importado é vendido ao consumidor brasileiro ao preço "módico" de US$ 15,00/kg...* Tinha o General Golbery do Couto e Silva razão, ao dizer : "no Brasil, tudo pode acontecer".